



# Bluménau

*em Cadernos*

T O M O X   -   ★   J U L H O   D E   1 9 6 9   ★   -   N º . 7

CONTO DOS COOPERADORES

ESTA PUBLICAÇÃO PODE SOBREVIVER  
GRAÇAS À GENEROSA CONTRIBUIÇÃO  
DOS SEGUINTEs COOPERADORES:

*Fábrica de Gazes MedicinaiS Cremer S/A.*

*Centrais Eléctricas de Santa Catarina S/A.*

*Indústrias Têxteis Comp. Hering S/A.*

*Artefatos de Tecidos "Artex" S/A.*

*Dr. Henrique Hacker — Blumenau.*

*José Sanches Júnior — S. Paulo.*

*Prefeitura Municipal de Blumenau.*

*Companhia de Cigarros Souza Cruz*

*EmpreSa Industrial Garcia S/A.*

*Arthur Fouquet — Blumenau.*

*Eletro Aço Altona S/A.*

# Bluménau

## *em Cadernos*

TOMO X - ★ JULHO DE 1969 ★ - Nº. 7

### **A PEDRA DA LAGUNA E A 2ª. EXPEDIÇÃO DO DR. CARL VON DEN STEINEN AO XINGU, EM 1887.**

Carlos FICKER

Um comentário sôbre um artigo publicado por Egas Godinho nos Anais do Instituto de Antropologia da Universidade de Santa Catarina, no ano de 1968, sob o título: «A PEDRA DA LAGUNA».

Escreveu para os "Anais do Instituto de Antropologia" da Universidade de S. C. 1968, o autor Egas Godinho um trabalho muito interessante sôbre referências na Imprensa do Destêrro, hoje Florianópolis, reportando as pesquisas nos sambaquis de Sta. Catarina realizadas pela "Comissão Científica Alemã" e chefiada pelo Dr. Carl von den Steinen, em 1887.

O grande cientista visitou em duas expedições o Brasil. Acompanhado do seu primo Wilhelm von den Steinen e do astrônomo Dr. Otto Klaus, a expedição em 1884 desceu o Xingu, desde as cabeceiras até a foz, descobrindo nesta viagem uma série de tribos de índios de diferentes línguas, ainda sem qualquer influência da civilização. No seu livro "Durch Central-Brasilien", Leipzig, Brockhaus, 1886, o autor relata o diário da célebre expedição e a elaboração do material científico recolhido. Pelo vocabulário anotado entre os Bakairí, Carl von den Steinen chegou a conclusão do êrro da hipótese rigorosamente sustentada por Orbigny e considerada muito provável por Martius, segundo a qual os Karaib procederam dos Tupi - Guarani. Isso o induziu a importantes modificações na classificação lingüística de muitas tribos sul-americanas proposta por Martius, modificações essas que, por sua vez, foram em parte corrigidas por pesquisas posteriores. "Durch Central-Brasilien" continua a ser uma das obras clássicas da etnografia brasileira. (cit. Rubens Borba de Moraes).

O livro foi traduzido por Catarina Baratz Cannabrava e saiu, em 1942, como vol. 3 da série "Brasiliana" da Cia. Editôra Nacional. Sôbre os resultados etnográficos e as homenagens prestadas aos cientistas alemães pelo Govêrno Imperial, encontramos vasto material no "Boletim da Sociedade de Geografia", 1885 Tomo I.

Uma segunda expedição foi realizada em 1887, desta vez pelos cientistas Carl e Wilhelm von den Steinen, Paul Ehrenreich, antropólogo de renome e Peter Vogel, matemático e astrônomo da Universidade de Munich, e mais uma comitiva composta de um oficial, Alferes Luiz Perrot e quatro cabos. Os cientistas saíram do Rio de Janeiro para iníciar a viagem ao Rio da Prata, para seguir, em seguida o caminho fluvial de Buenos Aires para Corumbá. Aconteceu porém, que no Mato Grosso grassava uma epidemia de cólera-morbo, obrigando a expedição a interromper sua viagem em Sta. Catarina, onde permaneceu durante três meses (março, abril e maio de 1887), aproveitando a oportunidade para examinar e pesquisar os sambaquis existentes na orla marítima catarinense. Além desta tarefa os componentes da expedição visitaram as colônias Dona Francisca (Joinville), Blumenau, Brusque e outros núcleos de colonos alemães.

Sôbre esta visita da província de Sta. Catarina e os resultados das pesquisas e o material lítico e ósseo recolhido nos sambaquis do Destêrro, Laguna, Itajaí e Joinville, o autor sômente relata na sua obra "Unter den Naturvoelkern Zentral-Brasiliens", Berlin 1894, os fatos sem maiores comentários, focalizando a descrição e os resultados etnográficos da segunda viagem ao Xingu e da sua visita aos Bororos, feita em 1888.

Nesta segunda obra de Carl von den Steinen, são estudados, principalmente a ergologia e etnologia. Entre os numerosos dados sôbre os Bakairí destacam-se, ainda, os concernentes à sua história e mitologia e "é a obra mais brilhante da etnografia e etnologia, leitura indispensável para todos que estudam os índios do Brasil" (cit. Borba de Moraes).

A edição brasileira foi publicada pelo Departamento de Cultura, São Paulo, 1940, sob o título "Entre os aborígenas do Brasil Central", prefácio de Herbert Baldus, com tôdas as planchas e figuras do original. O que mais nos interessa nessa obra, é a parte referente à visita de Sta. Catarina e, especialmente, do Destêrro, hoje Florianópolis, e Laguna.

Com a publicação dos comentários da imprensa catarinense da época, o Sr. Egas Godinho no seu trabalho "A Pedra da Laguna", prestou uma contribuição valiosa e importante para o estudo da história das Expedições Científicas no Brasil. Apesar que o autor não encontrou no livro: "O Brasil Central" qualquer referência sôbre pesquisas da expedição alemã em Sta. Catarina (é claro, pois o livro "O Brasil Central" sômente relata os acontecimentos da primeira viagem, em 1884) a segunda obra "Unter den Naturvoelkern", de 1894, relata nas páginas 2-4 as pesquisas realizadas em 8 sambaquis de Laguna, 3 casqueiros perto de Destêrro, um nas áreas de Itajaí e 4 de Joinville-São Francisco do Sul, em 1887.

E existe muito mais material sôbre o assunto.

Já no mesmo ano de 1887, a Sociedade Antropológica de Berlin publicou nos relatórios "Verhandlungen der Berliner anthropologischen Gesel-



Dois aspectos da "Pe-  
dra da Laguna, de que  
trata o excelente ar-  
tigo do nosso estima-  
do colaborador, Dr.  
Carlos Ficker, publica-  
do neste número de  
"Blumenau em Cader-  
nos".



lschaft (vol 19, p. 445-450) um artigo de Carl von den Steinen: "Sambaki-Untersuchungen in der Provinz Sta. Katharina". (Pesquisas nos sambaquis da província de Sta. Catarina).

Na publicação acima o autor relata minuciosamente os resultados obtidos nas pesquisas dos sambaquis catarinenses. Entre outras observações importantes encontramos um detalhe muito interessante: a descrição da "Pedra de Laguna" que, conforme a imprensa de Destêrro, seria uma preciosidade pré-histórica de grande valor, trazendo inscrições rupestres.

A transcrição dos comentários dos jornais do Destêrro e o vaivém das opiniões, a troca de telegramas e polêmicas entre o Presidente da Câmara Municipal de Laguna e o Presidente da Província e, finalmente, a disputa entre o Museu Nacional e a Comissão Científica, é a história pitoresca contada por Egas Godinho no seu artigo "A Pedra da Laguna".

A pedra foi levada para a Alemanha apesar dos protestos de homens públicos, que, na sua mais completa ignorância, destruíram os sambaquis da Região para a fabricação de cal ou pavimentação das estradas, sem o mínimo remorso.

Será que essa pedra foi, realmente, uma preciosidade com inscrições rupestres, documentando uma cultura extinta no Brasil? O artigo publicado por Carl von den Steinen nos Anais da Sociedade de Anthropologia de Berlim, revela o segredo. Tratava-se de um grosso bloco de pedra retirado por um canteiro, com rebaixos artificiais vulgarmente chamados "panelas de bugre", encontrados ainda hoje em muitos lugares da costa rochosa catarinense. O bloco de pedra retirado pelos cientistas alemães, trazia 4 das mais perfeitas panelas com um diâmetro de 40 cms. cada uma e nitidamente polidas. Pesava o bloco 605 quilogramas com as dimensões de 1.46x88 cms. Transcrevemos na íntegra o texto sôbre a "Pedra da Laguna".

"Ein maechtiger Block in Laguna, den wir mit vieler Muehe fuer Berlin erworben haben (Museu antropológico de Berlin) zeichnete sich durch groessere, zum Teil fast kreisrunde, pfannenartige Vertiefungen aus, deren Mitte leicht erhaben ist". E mais adiante: "Man sollte vermuten dass diese Flaechen zum Mahlen gedient haben".

Esta última observação feita pelo cientista, levanta a hipótese que as "panelas de bugre" serviam de moenda.

Fica, assim, desvendado um mistério da pedra encontrada na Paixão em Laguna, que tanto agitou a vida política do lugarejo e concordamos com as palavras do Presidente da Câmara Municipal de Laguna ao Presidente da Província: "V. Excia bem sabe que alguns cidadãos aproveitam as mais pequeninas coisas para fazerem comentários conforme suas paixões políticas e interesses particulares, e disto teria V. Excia ciência pela imprensa desta cidade que de tão insignificante fato não deixou de tirar assunto para levianamente ferir V. Excia, e a mim também".

"Cria V. Excia. que à roda da tal pedra mui propositadamente tentaram levantar mais poeira do que a que envolvia a pobre pedra".

# BLUMENAU

## E A SUA IMPRENSA

### III

#### “O MUNICÍPIO”

A situação política, em Blumenau, como em todo o Estado de Santa Catarina, atravessava momentos difíceis, desde a renúncia de Deodoro e a conseqüente ascensão do marechal Floriano à presidência da República, em novembro de 1891. Os governadores dos Estados que haviam hipotecado apoio ao primeiro presidente, foram depostos ou forçados à renúncia.

Lauro Müller teve que passar o exercício do cargo ao comandante da Guarnição Federal em Destêrro, major Firmino Rêgo. Este, em seguida, transferiu o poder a uma Junta Provisória que dissolveu o Congresso Representativo, o Tribunal de Justiça e as Intendências Municipais. Em março do ano seguinte, assumiu o govêrno o interventor federal, tenente Manoel Joaquim Machado que, convocada nova constituinte, conseguiu eleger-se governador do Estado.

Blumenau manteve-se fiel a Lauro Müller, no que contou com o dedicado apoio dos municípios de Brusque e Tijucas. Comandavam os republicanos blumenauenses e a resistência ao govêrno florianista, Bonifácio Cunha, Hercílio Luz, Paula Ramos e outros.

A política dúbia do marechal Floriano, face à situação em Santa Catarina, deu causa aos episódios mais contraditórios e violentos.

Opondo-se, por todos os meios e modos, às decisões da Junta e do Tenente Machado, Blumenau chegou a pegar em armas e a depôr, pela violência, o governador em exercício, Eliseu Guilherme, empossando, em seu lugar, embora por algumas horas apenas, o dr. Hercílio Luz, proclamado pela Câmara Municipal de Blumenau, em memorável sessão, governador do Estado de Santa Catarina.

Foi em meio a tôda essa confusão política e quando governava o Município a Intendência presidida por Francisco Faust e composta de outros ferrenhos maragatos, duramente combatidos pela esmagadora maioria da população, que surgiu o terceiro órgão da imprensa blumenauense.

Denominava-se “O Município” e veio à luz em 18 de junho de 1892. Era redigido em alemão e português e órgão oficial da administração municipal. Surgira das dificuldades encontradas pela Intendência para a publicação dos seus atos oficiais. O único jornal que, então se editava na vila, o “Blumenauer Zeitung”, portavoz dos republicanos locais, era ferrenho adversário da Intendência e combatia, violentamente, os principais dos então intendentes. Possivelmente, nem mesmo mediante pagamento publicaria os atos de uma administração que tinha por arbitrária e ilegal.

Pouco poderemos informar sôbre êsse jornal, de vez que não nos foi possível examinar nem uma única de suas edições. Nenhum número dêle há no Arquivo Municipal, nem na Biblioteca Pública Estadual. Conhecemo-lo, apenas através as citações que dêle fazem outros periódicos. Sabemos, por essas fontes, que foram publicados, pelo menos, 32 números.

A assinatura anual custava 4\$000 e era impresso nas oficinas de

Bernardo Scheidemantel, na atual rua Alvin Schrader.

Desapareceu em março de 1893, para dar lugar ao segundo "Immigrant" de que falaremos adiante.

## I V O SEGUNDO "IMMIGRANT"

Em março de 1893, quando mais acesas iam, em Blumenau e em todo o Estado de Santa Catarina, as dissensões políticas, prenunciadora de tempestades que se desencadeariam, nos Estados do sul, com a revolução federalista, surgia, na então Vila de Blumenau, um novo jornal. Denominava-se "Immigrant", título que já havia servido ao semanário fundado por Bernardo Scheidemantel, em 1883, e que fôra publicado, com regularidade, durante oito anos seguidos, até 1891.

Sob a direção de Paulo Stelzer, o novo jornal nascera para substituir o "Município" e, como êste, defender a causa dos federalistas. Uma causa ingrata e inglória, principalmente em Blumenau, onde a quase totalidade da população simpatizava com os ideais republicanos, prestigiando os seus próceres na região e o órgão que lhes defendia a causa, o "Blumenauer-Zeitung".

Desde os seus primeiros números, êsse segundo "Immigrant" entrou em árduas pejeas com aquêlê jornal, saindo-se, às mais das vêzes, muito desairosamente dos embates.

Porque aparecido num meio hostil às idéias que defendia e, consequentemente, sofrendo restrições de tôda sorte, principalmente as de ordem financeira, o "Immigrant" não pôde manter-se senão escassos três meses. Exatamente com o seu número 16, a 16 de julho do mesmo ano do seu aparecimento, deu por finda a sua missão, desaparecendo das lides jornalísticas.

É que os seus proprietários, sentindo-se desapoiados, desprestigiados, aceitaram a proposta do Pastor Faulhaber, da Conferência Pastoral Evangélica, que se prontificara a adquirir o jornal para transformá-lo numa fôlha de orientação religiosa.

O "Blumenauer Zeitung", à guisa de necrológio, dedicou ainda uma última nota ao confrade extinto. E, na sua edição de 1.º de julho, escreve: "Êle já não existe mais, o sincero e imparcial "Immigrant". Com o seu número 16, põe fim à sua carreira, "porque o proprietário do mesmo vendeu a tipografia ao sr. Pastor Faulhaber". E então pergunta-se: Porque vocês o venderam antes de haver cumprido a grande missão que haviam anunciado? E que sêca e insípida a despedida dos seus amigos. Na hora da morte - e talvez pela única vez na sua vida - o "Immigrant" sentiu doer-lhe a consciência pelos seus muitos pecados. Êle viu que havia se afastado do caminho que um jornal imparcial e justo deve seguir e que êle prometera sempre trilhar, e, por isso, prudentemente, silenciou sôbre a sua curta atuação. E, agora, torna-se aos outros e a nós compreensível a tentativa feita, no número 15, de justificar o vandalismo da polícia local. E para não tornar-se infiel aos seus princípios, êle silencia, também, no número com o qual desaparece, a prisão arbitrária e ilegal do sr. Jacob Schmidt, embora um dos editôres afirmasse que o comissário soltara o prêso depois de poucas horas. Curta foi a sua vida: chegou a uma idade exata de 15 semanas. Louros e bens terrenos, certamente, não colheram os pais do falecido. Em compensação tiveram que pagar bem caro pelo que aprenderam, pois as quinze semanas de desesperada campanha não lhes custaram, apenas, muito sossêgo, mas também muito e bom



dinheiro. Mas nós também não devemos esconder que o "Immigrant", enterrado sem missa e sem choro, proporcionou-nos algumas horas de muito bom humor. O pior, em tudo isso, é que a palavra "imigrante" conquistou tão má fama nessas 15 semanas que, com êle, não se poderá mais editar outro jornal".

O fato, a que a nota alude, relativamente à prisão de Jacob Schmidt, dera-se dias antes. Êsse Schmidt era um dos homens em evidência entre os republicanos de Blumenau. A 23 de junho daquele ano, entre as 6 e as 7 horas da noite, Jacob Schmidt estava sentado, com Alberto Pflug e Paulo Loeffler, a uma mesa, na sala do Hotel Lange. À outra mesa, jogavam cartas Francisco Faust e Augusto Germer, comissário de polícia, adversários políticos de Schmidt. De repente, Germer levanta-se e, ao chegar fora do hotel, põe-se a apitar seguidamente até que apareceram 10 a 12 soldados de polícia, a frente dos quais o comissário dá ordem de prisão a Jacob Schmidt e o trancafia no xadrez.

Cenas como essa, aliás, eram constantes nos agitados dias de 1893/1894, em Blumenau e em outros municípios catarinenses e o motivo principal dêles não era, senão, divergências políticas e as malquerenças e os ódios que as lutas partidárias inoculavam na alma dos que se deixassem enredar nas malhas da politicagem mesquinha daquele atribulado período da nossa história.

O primeiro número do segundo "Immigrant" apareceu em 4 de março de 1893, apresentando-se como continuador do primeiro "Immigrant", no seu 9.º ano de existência, número que consta do cabeçalho do jornal. No mesmo cabeçalho vêm as seguintes indicações; além do título: "Editora: Sociedade "Immigrant" Blumenau. Santa Catarina, Brasil. Redator: P. Stelzer. À esquerda do título: "O Immigrant" aparece uma vez por semana com um suplemento recreativo, ou seja aos sábados e custa, no Município de Blumenau, 8\$000 por ano, 4\$000 por semestre e 2 por trimestre; em todo o território da República 9\$000 por ano e 5\$000 por semestre. Para a Alemanha, Áustria e Suíça, preço anual, 20 marcos. Número avulso, 160 réis. Remessas de dinheiro, cartas etc., devem ser dirigidas à redação desta fôlha. À direita do título: "O preço de anúncios por linha é de 100 réis. Nas repetições concedemos um bom abatimento. Os anúncios deverão ser entregues na tipografia até quinta-feira à noite. Publicações a pedido: 200 réis por linha. Publicações de interesse geral, grátis. Pagamento adiantado. Separando o título da matéria redacional: Ano 9.º - Sábado, março de 1893".

O jornal era impresso em caracteres góticos, exceção do título, informações acima, alguns anúncios e pequenos artigos em português, que eram impressos em caracteres latinos. Possuímos, em nosso arquivo, ainda bem conservado, o n.º 3 dêsse jornal. Seu formato era de 32,5 x 47 cm., página dividida em três colunas. Na primeira coluna, ao alto: "Ao leitor: Os números de março do "Immigrant" são distribuídos gratuitamente. As assinaturas começarão em abril e solicitamos aos leitores que se manifestem quanto antes, a fim de evitarem interrupções na remessa. Chamamos a atenção dos leitores que a correspondência não deve mais ser remetida ao sr. B. Scheidemantel, mas diretamente à redação desta Fôlha, em casa do sr. L. Sachtleben Sênior. Como não tenhamos conseguido ainda preencher o nosso corpo de compositores tipográficos, solicitamos excusas aos nossos leitores por estar o número de hoje desacompanhado de suplemento".

Além dêsse esclarecimento, tóda a restante matéria das três colunas da primeira página daquele número, compunha-se de dois artigos dedicados à política local e estadual, atacando os republicanos, defendendo os atos do govêrno do Tenente Machado e combatendo acerbamente os próceres republicanos de Blumenau.

A segunda página destina-se às notícias do país e do exterior. Como notícia local, dá a informação do falecimento, ocorrido a 20 de março, do Alferes Júlio Sametzki, que fôra um dos Voluntários da Pátria da guerra contra o Paraguai. Continua, na terceira coluna, um artigo, em português, esclarecendo fatos relacionados com a prisão de Santos Lostada, citando artigos do Código Penal para justificar a ação das autoridades policiais. Na terceira página, na primeira coluna, um aviso, subscrito pelo Dr. Bleyer, datado de 17 de março, comunicando o aparecimento de casos de desenteria no distrito do Garcia Alto e dando conselhos à população sôbre o modo como prevenir-se contra o terrível mal.

Na última página há, apenas, anúncios e avisos.

---

---

A filha do primeiro diretor da E. de F. "Santa Catarina" contou-nos, certa ocasião, que, desejando adornar a varanda da estação com uma bonita trepadeira, escreveu para a Alemanha, para um floricultor conhecido, pedindo-lhe que mandasse o que de melhor houvesse. Vieram as sementes que, germinando, foram tratadas com carinho. Quando começaram a florescer, qual foi o espanto da senhora ao constatar que a trepadeira, cuidada com tanto esmêro, era uma das plantas mais comuns à margem do rio Itajaí, onde crescia em estado silvestre. No próprio barranco que ficava atrás da estação havia-as em grande abundância, perfumando o ambiente com as suas grandes flôres brancas que desabrochavam à noite e se mantinham abertas até o sol se levantar no horizonte. . . .

---

— BLUMENAU EM CADERNOS —

*Fundação e direção de J. Ferreira da Silva*

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) NCr.\$ 5,00 —

Redação e Administração: Alameda Duque de Caxias, 64

**Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil**

# REMINISCÊNCIAS

H. P. Zimmermann

Henry Wadsworth Logfellow, o grande escritor e poeta americano disse em versos: "Nossos hojes e ontens/ São os tijolos com que construímos". Os acontecimentos que formam o caminho dos homens, contribuem para a fixação das idéias, de prazeres e de tristezas, mas para completar esta afirmativa, acrescentemos a ela o pensamento de Chesterton: "As coisas ordinárias tem mais valor do que as extraordinárias, podemos dizer até que são mais extraordinárias". Nestas minhas reminiscências não estou tratando das cousas extraordinárias, não estou escrevendo a história de minha pequena pátria, o meu torrão natal, mas com a argamassa do tempo estou ligando os acontecimentos e os fatos que vivi em minha terra. Estou lembrando a minha infância tão rica em dias felizes e, também, tão intimamente ligada ao cotidiano da população de Gaspar. Assim, tudo o que então se passou lá, se torna extraordinário e tudo foi muito diferente da vida que hoje vivemos.

É exatamente por isto, que aqui relembro coisas talvez já esquecidas de muitos de meus conterrâneos, que caracterizam o povo de minha terra daquela época já tão longínqua, que relembram acontecimentos despidos de maior importância, mas que, em minha memória, formam um mosaico colorido; um mosaico formado por um agrupamento humano de diferentes origens, de costumes também diferentes, mas que formavam um conjunto harmonioso. Por isto, lembrando coisas ordinárias, por

vêzes pitorescas, pretendo conservar êste mosaico que o passado construiu e que, sob a influência da nova era que vivemos, está tendendo a desaparecer e dentro de pouco ficará encoberto sob a poeira do tempo, que corre sempre mais célere.

Entre os grupos étnicos que se radicaram em Gaspar encontrava-se também, o que era conhecido por "italianos", mas que na realidade era um grupo tirolez, conforme já disse em relato anterior. Não sei porque razão êsses italianos fixaram-se na montanhosa região conhecida por Gaspar Pequeno, uma região de terras fracas e de difícil amanho. Talvez isto tenha acontecido, porque quem os para lá encaminhou, lembrou-se de que vinham de uma região montanhosa da Europa e se sentiriam melhor em região semelhante no Brasil. Na realidade as terras do Gaspar Pequeno pouco produziam, por isto que costumavam chamar aquela região pela depreciativa designação de Miséria.

Os italianos que lá residiam, eram homens laboriosos e tudo faziam para arrancar de suas terras o máximo proveito possível. Assim, iam vivendo uma vida se não opulenta, pelo menos de um certo bem estar.

Dada a impropriedade daquelas terras de produzir cana de açúcar, o produto que dominava a exploração agrária em Gaspar naqueles tempos, êles mais se dedicavam ao cultivo do milho e à criação de pequenos animais domésticos. Alguns dêles tentaram o cultivo da videira, sem dela con-

seguir tirar maior proveito.

As ladeiras íngremes de suas terras, obrigavam àqueles homens a servir-se de burros de cargas como meio de transportes, mais comumente de burricos. Conduzindo os seus produtos com êsses animais até a cidade, constituíam a nota pitoresca no movimento da rua principal. Animais teimosos, por vêzes bastante indóceis, que eram os burricos, freqüentemente acontecia que não mais queriam dar um só passo para frente, quando se viam num ambiente estranho para êles, na cidade. Seus donos, quando os burricos empacavam, usavam de todos os ardís para fazê-los caminhar e então, quando os asnos com isto se aborreciam demais, repentinamente saíam de sua imobilidade, não para caminhar, mas para arrancar-se aos corcovos em qualquer direção, derrubando a carga e livrando-se das cangalhas que traziam no lombo, distribuindo coices para todos os lados até que, finalmente, ficarem parados mais adiante. A cena causava hilaridade a todos que a presenciavam, pois os donos dos rebeldes animais, ficavam grandemente irritados e mais ainda contribuíam com isto, para tornar a cena muito pitoresca.

Esbravejando e gritando, procuravam reconduzir os indóceis animais até o lugar onde tinham derrubado a carga e pôr-lhe novamente a cangalha e carga no lombo. Feito isto, os burricos filosoficamente seguiam o seu caminho, como se nada tivesse acontecido, olhando os seus donos como que com certo desprêzo, enquanto êstes continuavam a xingá-los com tôda sorte de "mimoseiras", que só os irracionais ouvem sem se vingarem das ofensas recebidas. Por muitos anos os italianos assim traziam os seus produtos à cidade e só passaram a usar carroças, quando o seu

bairro foi servido de alguns caminhos mais bem cuidados.

Para chegar à cidade, os italianos passavam por uma pequena baixada onde sempre um rebanho de cabritos costumava pastar à beira do caminho. O chefe do rebanho, um vistoso e encorpado bode, provavelmente não gostava das vermelhas saias de baeta que as mulheres italianas naquela época costumavam usar. Vinham elas com as suas cestas cheias de ovos, de batata doce ou de frutas. O bode as deixava passar, aparentemente sem delas tomar nota, mas quando menos esperavam, êle as atacava pela retaguarda, derrubando-as ou fazendo com que corressem. Então era um Deus nos acuda! Cestas derrubadas derramavam pelo chão o seu conteúdo. Entre ovos quebrados, as cabras vinham correndo para devorar as batatas doces e as laranjas. As mulheres, com grande gritaria, batiam nelas com os seus bastões e quem mais era visado pelas porretadas, até se pôr em fuga, era o bode causador de todo êsse alvoroço.

Não há, porém, mal que sempre dure. Um dia, as cabras desapareceram da beira da estrada. É que, cansadas de pedir ao dono das mesmas que não as deixasse por lá andar livremente, sem por êle serem atendidas, porque o malvado achava engraçado o que costumava acontecer, uma delas armou-se de uma garrucha e com certo tiro derrubou o perigoso bode. O dono dêste, vendo seu animal de estimação morto, fêz queixa ao delegado de polícia. Êste, depois de ouvir as partes e as testemunhas e depois de meditar bem o caso, resolveu passá-lo ao Juiz de Paz, porque achava, que o caso era por demais complicado para ser resolvido pela polícia.

Era matéria que implicava direitos e que só através da aplicação das leis competentes podia ser resolvido. O Juiz de Paz, homem conspícuo, que costumava vestir seu melhor terno de casemira quando presidia as audiências, também meditou muito sobre o caso e enfim o resolveu desta maneira: O dono do bode infringiu as leis, porque deixava o animal andar solto, fato ainda mais agravado pela circunstância de ter o animal ofendido pessoas que usavam o caminho onde êle costumava andar solto. A mulher não tinha o direito de matar o animal, mas como foi por êste ofendida, cabia-lhe o direito de livrar-se dêle. Como o matou, devia pagá-lo a seu dono. Uma vez que pagava o preço do animal, e como êste lhe havia causado prejuízo, o animal morto passaria a pertencer-lhe e ela podia levá-lo para casa, para aproveitar a carne. Mas, como a esta altura dos acontecimentos a carne do bode já estava se deteriorando, portanto imprestável para o consumo, continuou a sentenciar o snr. Juiz de Paz, o dono do bode devia compensar à mulher o prejuízo que o bode lhe causou; esta, por sua vez, devia pagar ao homem o preço do bode por ela morto.

Avaliando bem as cousas, nada havia que pagar pelo dono do animal, nem pela mulher prejudicada. Todavia, prosseguiu o snr. Juiz de Paz em sua sentença, cabia ao delegado de polícia apreender a arma do "crime" e guardá-la na delegacia, até que a mulher a resgatasse mediante o pagamento de uma multa e o dono das cabras pagaria também uma multa, por ter deixado as mesmas andar soltas e ofender os transeuntes.

Como se vê, foi uma sentença quase que salomônica e assim teria sido qualificada, não se opu-

zesse a isto a modéstia do ilustrado homem da lei. Contudo, ela foi grandemente apreciada por todos que dela tiveram conhecimento.

Residia em Gaspar Pequeno, naquela época, um homem de côr, um dos poucos que então havia em Gaspar. Era casado com uma mulher italiana e era dono de uma pequena serraria. Quase que diariamente vinha com sua carroça tirada por dois fortes burros, para trazer madeira serrada para um depósito da cidade. Sempre o via e de quando em quando com êle conversava. Certo dia, meu pai foi por êle solicitado para que fôsse demarcar o seu lote de terras, afim de por fim a uma velha dúvida entre êle e um seu vizinho, quanto às divisas. Como era época de férias, tive licença de acompanhar meu pai e numa clara e fria manhã montamos a cavalo e nos dirigimos à casa do preto. Lá chegados, depois de soltos nossos animais no pasto, foi-nos servido um café acompanhado de broa de milho, depois do que iniciou se a demarcação das divisas. Começando num estreito vale, a divisa do lote prosseguia na encosta de um íngreme morro e subindo por êste até o seu cume, descia do lado oposto, depois num pequeno trecho de outro estreito vale, para depois subir novamente o morro e finalmente voltar ao estreito vale da partida. As subidas e descidas, em grande parte numa picada em meio do mato, requereu grande esforço físico de todos que trabalhavam na medição. Eu, firmemente acompanhei tôda a medição, mas depois de algum tempo comecei a sentir grande fome. O esforço das subidas, o ar puro que ali se respirava e o frio pouco abrandado pelo fraco sol de inverno, certamente muito contribuíram para aumentar a minha fome, aliás

uma quase constante nos meninos de meu tempo, que além de saudios, sempre estavam em movimento, em brincadeiras e em folguedos. Quando, finalmente, já quase às 14:00 h. chegamos de volta à casa do preto, a senhora dêle, uma italiana corpulenta e jovial estava nos esperando com o almoço. Sobre a mesa limpíssima estava um grande bolo de polenta e ao lado dêste um prato com torresmos de toucinho e outro com queijo frito. Com fino arame a mulher cortava grossas fatias de polenta que nos servia, ora com queijo, ora com torresmos. Nunca na minha vida comi um almoço tão gostoso, nunca comi com maior apetite e nunca mais me esqueci dêste, para mim gostosíssimo almoço. Foi um almoço simples, mas a fome, a gostosa polenta e os torresmos tostadinhos, mo faziam apreciar como verdadeira delícia.

Ainda com respeito a êste casal, lembro-me que possuíam quatro filhos. O pai era um bom homem de estatura quase frágil e de pouca altura.

A mãe, também de baixa, porém, corpulenta estatura. Os filhos, comparados com os pais, eram verdadeiros gigantes. De porte ereto, de corpos bem proporcionados e tez morena, eram belos espécimes de uma miscegenação tão incomum em nossa região.

Conhecia muitos dos italianos e com muitos fiz amizade. Sempre bem dispostos, davam-me, a mim, o menino, uma importância de ho-

mem adulto. Gostava muito das boas laranças que traziam numa época em que em nossos laranjais já não havia mais nenhuma. É que, na região do Gaspar Pequeno, demoravam mais a amadurecer e se conservavam por mais tempo nas árvores, do que as nas terras planas à beira do rio. Apreciava também, as histórias alegres que contavam, o seu linguajar típico, tão pitoresco. Contavam coisas de seus antepassados, dos primeiros tempos quando se fixaram em Gaspar Pequeno. Entre os velhos havia alguns que sabiam algo sobre a guerra entre a Itália e a Áustria e sobre ela sabiam contar coisas interessantes. Com êles aprendi muitas expressões da língua italiana e freqüentemente as usava para "brilhar" diante de meus companheiros de brincuedos,

Assim, vão aqui mais algumas lembranças do meu tempo de infância. Não sei, qual a causa de lembrar-se tanto de coisas insignificantes e de tão pouca importância para muitos. Provavelmente as fixei em minha mente, porque sempre senti muito amor à minha terra, tão pequena, mas tão amena e agradável que é para mim. Sempre dela me lembro e são exatamente estas lembranças de nossas pequenas pátrias, a minha e a de todos que nasceram em algum lugar neste grande Brasil, a nossa "Heimat", como dizem os alemães, que produzem em nós êste nobre sentimento, que é o patriotismo.

---

○ trecho da estrada de rodagem entre Itajaí e Florianópolis só pôde ser aberto ao tráfego de carros depois da inauguração do trecho entre Tijucas e Biguaçu, fato que ocorreu a 21 de julho de 1907. Até então, só se poderia ir de carro em certos trechos. Até mesmo o trecho entre Itajaí e Camboriú, pelo morro cortado, só foi aberto em 1907.

# Uma opinião sôbre os Silvícolas

Seguidamente, estamos trazendo para as páginas de "Blumenau em Cadernos" opiniões e fatos relacionados com os indígenas que habitavam o território do Vale do Itajaí, na época de sua colonização. E o temos feito para, de posse de todos os elementos possíveis, poderem, os interessados no assunto, fazer um juízo perfeito das origens e do comportamento d'esses silvícolas, em relação ao civilizado que lhes veio disputar o domínio das terras que habitavam havia séculos.

Essas questões, até hoje, não estão bem claras. Principalmente, no tocante aos assaltantes dos primeiros colonos, há muitas dúvidas. Os jornais da época, no Estado, trataram variadas vèzes do assunto. Com os elementos que já reunimos nestas páginas e com os que iremos ajuntando, poderão os estudiosos do problema chegar a conclusões verdadeiras e, sem dúvida alguma, altamente interessantes ao estudo do passado desta região e, mesmo, de todo o Estado de Santa Catarina.

Vamos trazer, hoje, para os leitores de "Blumenau em Cadernos" uma interessante opinião do "Novidades", de Itajaí, de novembro de 1913, justamente quando o govêrno, no propósito de acabar com a matança de indígenas por partes de grupos organizados para a proteção dos colonos, instituiu o serviço de catequese. A opinião daquele excelente jornal resultou não ser justa, nem verdadeira, pois, graças às providências do serviço de catequese, já no ano seguinte, 1914, deu-se o primeiro e grande passo para resolver-se definitivamente o problema, com a pacificação dos indígenas que infestavam e intranquilizavam a região.

Mas é uma opinião interessante e que bem retrata o conceito que, na época, se fazia da atuação oficial e dos direitos que aos colonos assistiam para se protegerem das constantes investidas dos gentios às suas pessoas e propriedades,

Eis o que, sob o título "O problema da catequese em Santa Catarina" escrevia o brilhante órgão da imprensa itajaíense:

"Com o fito de chamar ao grêmio dos civilizados os silvícolas brasileiros que ainda perambulam pelas nossas florestas em vida nômade e improdutiva, em estado de verdadeira selvageria, num contraste flagrante com a nossa civilização, foi, pelo Ministério da Agricultura, criado, há tempos, uma Comissão de catequese. Esta comissão tem por fim atrair os silvícolas, grupá-los, ensiná-los a trabalhar a terra, ministrar-lhes uma educação de acôrdo com o nosso estado atual de povo civilizado, humanizá-los, torná-los, enfim, úteis à comunidade.

Não seríamos nós quem negássemos os louvores que merecem uma tal iniciativa de tão elevados intúitos humanitários, se ela fôsse feita de maneira a atingir o fim colimado. Contudo não nos podemos calar diante dos processos negativos e, dizemos mais, antiproducentes, porque vai sendo levada a efeito a catequese em nosso Estado.

A Comissão que aqui trabalha atualmente nada tem conseguido de

produtivo, o seu esforço, se esforço se pode chamar o que ela até hoje tem feito, tem sido e há de ser sempre inútil ao fim que se tem em vista. O processo de atração empregado pelos catequizadores é em verdade irrisório e não dará nunca resultados positivos. Não será com discursos patrióticos, com gramofones, com encenações em torno do pavilhão brasileiro desfaldado ao vento, com dádivas e presentes que se há de conseguir atrair o silvícola rude e rebelde, que não pode alcançar a verdadeira significação dessas demonstrações amistosas. Com os presentes que se lhes fazem, nada mais se consegue do que despertar a cobiça de tais objetos, de cuja utilidade logo se apercebem, incitando-os a cometerem assaltos contra os civilizados que habitam as lindes de nossas florestas para se apossarem dos instrumentos de que necessitam. Das armas que lhes são fornecidas servem-se eles hoje contra o colono trabalhador e útil, que vê atacada a sua propriedade, inutilizado todo o seu esforço, pôsto da noite para o dia na mais negra miséria, quando consegue salvar a sua vida de contínuo ameaçada.



Grupo de indígenas de Rio Plate, carneando uma rês por eles abatida a flechaços. Cenas assim, eram comuns entre os habitantes das solvas do Vale do Itajaí, nos princípios da colonização. Nesse tempo, hordas dessas perigosos aborígenes invadiam as propriedades dos colonos, depredavam-lhes as roças, roubavam-lhes as criações, quando não os massacravam a flechadas e golpes de tacape e de lança.

Não podemos compreender que o govêrno procure beneficiar o silvícola em prejuízo do civilizado trabalhador, cerceando-lhe o direito de defesa de sua propriedade, obrigando-o a abandonar as terras ocupadas e cultivadas, o seu lar, todo o fruto do seu trabalho, para que o selvagem continue a levar a sua vida do nômade sem proveito algum para a Nação.

E não se diga que o nosso intento é de reprovar por princípio tudo quanto até hoje aqui se tem feito com relação à catequese. Os fatos aí estão para demonstrarem que não faltamos à verdade, quando afirmamos que a ação da catequese, que já nos custa bem caro, tem sido de uma inutilidade flagrante em Santa Catarina.

Depois de sua instalação, no Município de Blumenau deram-se vários assaltos de bugres, sem que a Comissão tivesse sequer tentado evitá-los, acoroçoando, ao contrário, a repetição desses feitos, com dádivas depositadas em alguns pontos atacados, logo depois das depredações cometidas pelos índios.



É coisa de notar que êsses ataques que se davam outrora com grandes interregnos, tornaram-se agora mais freqüentes, pois no curto espaço de meses foram cometidos diversos, havendo em quase todos êles a lamentar a a perda de vidas humanas e de grande número de animais de criação.

A atual comissão de estudos da E. de Ferro Santa Catarina encontra-se em sérios embaraços para o bom desempenho dos seus trabalhos. Precisando atravessar a zona, onde os índios têm assentado os seus acampamentos, viu-se a Comissão na contingência de organizar uma turma para a defesa de seu pessoal, lançando mão, para isso, de homens conhecedores dos hábitos e costumes dos selvagens.

Apesar dessa medida, os trabalhos não podem prosseguir com celeridade, não só pela dificuldade de encontrar trabalhadores que se sujeitem a ir para a zona perigosa, como também pelas cautelas com que são obrigados a fazer o serviço, vendo-se de continuo cercados pelos índios. Êstes mostram desde logo instintos agressivos, atacando os acampamentos, sem que houvesse qualquer provocação por parte do pessoal, pois estamos informados que o chefe da Comissão deu ordens terminantes nesse sentido, proibindo que se fizesse uso de armas a não ser em caso de legítima defesa.

Bastaria os fatos que vimos de relatar, se outros não houvessem, para se depreender que os atuais processos empregados pela catequese só poderão dar resultados satisfatórios, do que muito duvidamos, quando empregados em relação aos selvagens de outras paragens, de outros hábitos e costumes que não são os da zona do nosso Estado. O que aqui se observa com relação aos nossos selvagens é que êles não têm intuits pacíficos, são, ao contrário, perversos e malfazejos, mostrando-se nêles mesmo tendências pronunciadas ao cometimento de atos de banditismo, o que corrobora a opinião corrente de que estejam ou tenham estado em contacto íntimo com os bandidos que é notório, perlustram há muito aquelas paragens.

Não será pois com a orientação que se deu à atual catequese que se conseguirá atingir o alvo desejado.

A nosso ver só há um meio eficaz, de resultados imediatos e profícuos, muito menos oneroso do que o da catequese, com o qual poderá o govêrno alcançar resultados compensadores: é o do emprego inteligente da fôrça armada.

Não se apavorem os incondicionais amigos dos nossos aborígenes com o emprêgo dessa fôrça, não vamos daqui, desta coluna, incitar o govêrno a uma guerra de extermínio dos nossos selvagens. Se bem que divirjam as nossas idéias das dos humanitários utopistas que pregam a catequese pelos meios atuais, não nos inibimos de condenar os processos bárbaros, verdadeiras caçadas humanas, tantas vêzes empregadas contra os bugres, o mais das vêzes, aliás, em justas represálias por parte dos que se viam prejudicados pelas constantes depredações que aqueles lhes causavam. O nosso intento é justamente evitar a reprodução dêsses atentados, que, estamos certos, se hão de reproduzir, mau grado a catequese, enquanto o govêrno não lançar mãos de meios enérgicos, capazes por isso mesmo de produzirem efeitos mais rápidos.

O que aconselhamos ao govêrno é enviar pessoas de sua inteira confiança com fôrça suficiente para cercar os índios em seus redutos, encurralá-

los, obrigá-los a se renderem diante da impossibilidade de uma luta desigual. Isso será extremamente fácil em vista das condições locais da zona habitada pelos selvagens em nosso Estado. Socorra-se o govêrno para a boa execução dêsse plano de homens que possam fornecer indicações precisas e seguras sôbre os aldeamentos dos índios, que indiquem o momento oportuno para fechar-se o cêrco e, com a ajuda de índios mansos como intérpretes, intime-se os selvagens a renderem-se fazendo-lhes ver a inutilidade de uma resistência. Uma vez aprisionados, deverá o govêrno aldeá-los em lugar para êsse fim adrede preparado e ali ministrar-lhes os conhecimentos necessários e torná-los homens úteis, fazendo assim verdadeira obra de catequese. Outra, que não essa só admitimos a catequese dos missionários que se embrenham pelas nossas florestas em busca dos selvagens, guiados pela fé, não ignorando os perigos que terão de arrastar, mas dispostos ao sacrifício da própria vida em proveito do seu credo. Que falem por nós os feitos gloriosos de Nóbrega, Anchieta e de seus companheiros, muitos dêles verdadeiros mártires dos seus ideais. Essa catequese é contudo de efeitos morosos e nós não poderemos deter a marcha da civilização, estacarmos a meio caminho à espera que se consiga civilizar o autóctene brasileiro para avançarmos através dos nossos sertões, aproveitarmos a fertilidade do seu solo, explorarmos as suas riquezas naturais, em prol do desenvolvimento das nossas indústrias e em benefício das condições materiais do país.

Já se achavam escritas as linhas supra quando chegaram ao nosso conhecimento os seguintes fatos que confirmam as nossas palavras e impõem a necessidade de sérias medidas por parte do govêrno:

Uma das turmas da exploração da E. F. Santa Catarina, quando em serviço de reconhecimento foi atacada pelos bugres sendo um dos trabalhadores alvejado por arma de fogo. O emprêgo de semelhante arma da parte dos selvagens mais nos induz na crença de que entre os bugres acham-se um ou mais bandidos dos que demoram naquela zona e que aproveitando-se da impunidade que lhes dá a direção da catequese, proibindo a repressão de tais ataques, tiram disso partido para com maior facilidade cometerem seus atos de rapinagem. Constou-nos também que grande número de colonos diante das ordens expressas da catequese, estão dispostos a abandonar em massa as suas terras por não se sentirem garantidos. É fácil prever as conseqüências e os prejuízos, morais e materiais, que acarretará a concretização de semelhante fato.

Mais do que nunca pensamos que o govêrno deve agir imediatamente com energia, segurança e firmeza, não se deixando impressionar pelas idéias de uma meia dúzia de visionários utopistas, que pregam a ação de uma catequese de resultados nulos, e não lhe regateará aplausos a maioria da Nação".

---

---

## UMA GREVE ORIGINAL

Em fins de fevereiro de 1912, Blumenau assistiu a uma greve original. Os boleeiros dos carros-de-mola, negando-se a pagar a licença policial, que lhes era exigida, declararam-se em greve. Durante mais de 15 dias a cidade ficou completamente sem os seus carros-de-mola, que eram muitos.

# IMIGRANTES

Alfredo E. CARDOSO

Vários são os motivos que determinam uma emigração. Busca de aventuras, perseguições raciais, religiosas e políticas, guerras, revoluções, densidade demográfica, etc., também são as principais razões porque grande parte da população do Vale do Itajaí não é lusobrasileira.

Resultante da Primeira Guerra Mundial, muitos alemães procuraram aqui a sua segunda pátria, sendo que uns prosperaram neste Brasil hospitaleiro, outros não.

O abaixo descrito fado do imigrante Max von Brenkendorf é caso fora do comum, e poderá servir também de advertência.

Nos anos de 1924 a 27 trabalhava eu na casa comercial Swarowsky, de Matador. Meu chefe sempre simpatizava com os alemães recém-chegados, dando lhes um "ganha-pão" onde podia. Morawitz e Berth, recém-chegados da Alemanha, trabalhavam no açougue, e à noitinha não deixavam de ir à venda tomar sua pinga (Schnapps mit Kapilê). Aos dois associava-se, às vêzes, Max von Brenkendorf, imigrante que vendia pelo Interior, quadros de pintura a óleo. Pousava principalmente na pensão Schlup, de Matador. Quando já meio dominado pelo efeito do álcool, achava necessário explicar tudo do seu "von" e do significado do brasão, para deixar claro que descendia de nobre estirpe.

Na mala, juntamente com a mercadoria de sua manufatura, trazia, vários feixes de cédulas, papel representando dinheiro alemão, apresentando, com uma delas, cada freguês. Já eram desvalorizadas pela inflação de após-guerra, no entanto, um matuto poderia talvez cair numa tentação.

Numa das reuniões dêsses três solteiros, junto ao "copo", disse Barth: — Sabes ainda, Max, que nossos pais se preocupam com seus filhos, dizendo ser possível que não pudéssemos viver com a nossa receita e, levados para a América, lá pereceríamos, física e moralmente decaídos. Max, rimando o assunto em alemão, soltou o seguinte: "Es kann verkommen dass unsere Nachkommen mit ihrem Einkommen nicht auskommen, nach Amerika entkommen, dort verkommen und dann umkommen". Todos riram, mencionando que, para êles, faltaria somente a última parte.

Depois de meses, Morawitz e Larth mudaram-se para outro município e Max, há semanas, viajava pelo vale do Rio do Oeste.

Na enchente de 1927, alguns moradores do bairro Canoas, de Rio do Sul, ocupados em pegar a lenha que a mesma trazia, depararam com um cadáver na torrente do Rio do Oeste. Posto em terra, verificou-se, pelo vestuário, que eram os restos mortais de Max von Brenkendorf e que já houvera falecido há pelo menos duas semanas.

Ignoro quem tomou a iniciativa de sepultar o corpo de inditoso imigrante lá mesmo, isto é, no curral do açougue Probst, local onde hoje se encontra a madeireira "Induma".

Conferrâneos do falecido, cientificados do acontecimento, providenciaram para que, no mesmo dia, seu compatriota Max tivesse o seu funeral num verdadeiro cemitério.

O motivo de sua morte nunca ficou esclarecido.

# UM CONGRESSO IMPORTANTE

Em 1912, realizou-se em Berlim, a capital alemã, um congresso muito original e que, sem dúvida alguma, foi de grandes vantagens para o estreitamento de relações entre o Brasil e a Alemanha.

Naquele ano, as companhias de vapores alemães haviam baixado o preço das passagens entre o nosso país e a Europa. Por esse motivo, muitos alemães, aqui residentes, e muitos brasileiros e teuto-brasileiros de algumas posses, resolveram fazer passeios aos países europeus.

A Sociedade Alemã Sul-Americana, pensou, então, em reunir esses turistas num congresso, em Berlim, tendo marcado a data de 6 de setembro para o início do conclave. A vice-presidência do Congresso foi confiada ao Pastor Hermann Faulhaber que fôra um dos seus idealizadores e que, tendo residido, por quase vinte anos, em Blumenau, onde fôra pároco da Comunidade evangélica, professor da "Escola Nova", fundador do jornal "Der Urwaldsbote", autor de uma história do Brasil, tradutor do livro de Afonso Celso, "Porque me ufano do meu país", era um grande admirador da nossa terra e conhecia bem os nossos hábitos e a nossa língua.

Os jornais alemães e brasileiros fizeram grande propaganda do Congresso, as agências de vapores, consulados etc., distribuíram cartazes sugestivos de convite à reunião, de sorte que nada menos de 800 congressistas se reuniram, naquela data, em Berlim.

A presidência do Congresso foi entregue ao Dr. Itiberê da Cunha, ministro plenipotenciário do Brasil na Alemanha. A finalidade do Congresso era festejar, na capital alemã, o aniversário da independência do Brasil e, ao mesmo tempo, mostrar aos alemães a verdade sobre as condições do nosso país, da situação dos emigrados alemães nas colônias brasileiras, e mostrar as vantagens da intensificação, cada vez mais forte, das relações políticas e comerciais entre os dois países. E, sobretudo, pela presença de tantas centenas de testemunhas, mostrar a inconsistência das mentiras que então se propalavam sobre as condições de vida e liberdade em nossa pátria. Para tanto, cada congressista tinha o direito de usar da palavra nas reuniões do Congresso para expor as suas reclamações e sugestões; para manifestar, livremente, as suas opiniões sobre a maneira como viviam e como eram tratados os alemães no Brasil, opinando sobre medidas que, no seu entender, poderiam ser tomadas para melhorar, sempre mais, o intercâmbio entre os dois países e entre os dois povos.

No dia aprasado, aberta a reunião, o Pastor Faulhaber saudou os congressistas. As suas palavras foram um verdadeiro hino ao Brasil. Lembrou a sua estada em Blumenau, onde constituiu família e onde, disse, passara os melhores dias de sua vida. O Presidente Itiberê da Cunha usou da palavra para saudar o imperador Guilherme II depois do que o sr. Willy Appenstein, industrial em São Paulo, teceu elogiosas referências ao Brasil, terminando por levantar um brinde ao Marechal Hermes, presidente da República.

Passando à parte artística, as senhoras Vitalina Siqueira de Queiroz e Mme. Eppstein executaram vários trechos de música, alguns deles de autoria

do Dr. Itiberê da Cunha. O palco estava ricamente ornamentado com flôres, entre as quais sobressaíam as bandeiras do Brasil e Alemanha e os bustos do Imperador Guilherme e do Marechal Hermes.

Nos dias 7 e 8, realizaram-se outras sessões. Na do dia 7, comemorativa da Independência do Brasil, houve vários discursos alusivos à data, tendo, também, o Ministro Itiberê da Cunha dado uma recepção de gala na sede da Representação Brasileira em Berlin.

Várias moções foram votadas nas diversas reuniões dêsse interessante Congresso Teuto-Brasileiro, passando-se, em seguida, telegrama de congratulações ao presidente da República brasileira.

O sucesso dêsse congresso se deveu, em grande parte, aos esforços e à dedicação do Pastor Faulhaber que, desde que os deveres de seu cargo de ministro protestante o haviam chamado de retôrno à Alemanha, depois de uma longa permanencia no Vale do Itajaí, não perdia oportunidade de mostrar o seu reconhecimento e a sua estima pelo Brasil e pelos brasileiros.

Convém lembrar êsse histórico Congresso. Promoções dêsse gênero muito contribuem para reforçar a amizade entre os povos. Êles deveriam repetir-se freqüentemente, não só entre os teutos-brasileiros na Alemanha, mas também entre ítalo-brasileiros na Itália, entre nipo-brasileiros no Japão, entre lusos-brasileiros em Portugal, etc. Isso, certamente, seria um passo muito acertado em direção do melhor entendimento entre os homens e as nações.

---

---

## UM CRUZEIRO MEMORÁVEL

Recorrendo velhos jornais, encontramos esta nota, publicada pelo "Novidades", de Itajaí, de 21 de novembro de 1909:

Quem viaja pela nossa costa, daqui para o norte, ao passar pela praia, próximo ao arraial de Barra Velha, impressiona-se logo com a visão de um magestoso e imponente cruzeiro, denegrido pelo tempo, avultando ao longo, na extremidade de um promontório, que avança mar adentro. Essa cruz tem sua história, uma lenda tocante e comovedora, como o são em geral as lendas.

No tempo da Guerra do Paraguai, um vapor de nome "Parahyba" navegava por nossa costa conduzindo tropas para o campo da luta. Sucedeu, ao passar êle nas proximidades de Barra Velha, abrir água. Na iminência de naufrágio, os que iam a bordo levantaram seu pensamento e as suas súplicas até o céu. O navio deu à praia, sendo salvos todos os passageiros em número de 800. Permaneceram ali durante meses à espera de transporte, e em ação de graças por aquele salvamento, que êles consideravam miraculoso, erigiram naquele sítio uma colossal cruz, gravando nela, para perpetuar o acontecimento, a seguinte inscrição: "M.O.F.S.A.O.B.P.D.N. 23 de junho de 1865".

Ao se retirarem, pediram êles à população para conservarem aquêle singelo monumento, e ainda hoje as gentes dali tratam com a mais religiosa veneração e carinho a tôsca cruz que há quase meio século foi erguida na chamada Ponta da Canceia. Todos os anos são rezadas ali novenas e a cruz se engrinalda de flôres, que a alma affectiva e cândida daquele povo ali deposita".

E será que a cruz ainda ali existe, depois de já passados mais de cem anos?

# INDÍGENAS

"O Pharol", de Itajaí, de 4 de fevereiro de 1905, publicava o seguinte: "Do nosso colega "O Dia", transcrevemos a notícia dos cinco silvícolas apreendidos neste Estado, na ex-Colônia Angelina, e apresentados pela Conferência de São José, Associação de São Vicente de Paula, à qual foram os ditos indígenas pelo governador do Estado em exercício, o sr. Coronel Antônio Pereira e Oliveira, confiados para serem educados: 1º. - Maria Inhataca do Nascimento, de 12 anos presumíveis e da qual foram padrinhos o sr. Cel. Antônio Pereira Oliveira, governador em exercício e sua exma. espôsa Dona Manuela Rosália de Oliveira. 2º. - Pedro Andyro Natal, de 8 anos presumíveis e do qual foi padrinho o sr. Cel. Vidal Ramos júnior e sua exma. espôsa Dona Amância de Carvalho Costa. 3º. - Laura Indiará do Nascimento, de 5 anos presumíveis, da qual foi padrinho o sr. dr. Lauro Müller, Ministro da Viação, representado pelo desembargador Dr. Domingos Pacheco d'Ávila e sua exma. espôsa Dona Maria Leopoldina d'Ávila. 4º. Rosa Andyra do Nascimento, de 4 anos presumíveis e da qual foi padrinho o sr. Conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves, Presidente da República, representado pelo snr. Coronel Antônio Pereira de Oliveira e Dona Francisca de Souza e Melo. 5º. - Antônio Undá Natal, de 4 anos presumíveis, do qual foram padrinhos Antônio Lemos Ramagem e sua exma. espôsa Dona Maria Carolina Ramagem. Presume-se que são irmãos os batizados".

O mesmo jornal, "O Pharol", de Itajaí, em 4 de fevereiro de 1905, publica: "Os silvícolas continuam aparecendo neste Município (de Brusque, pois o tópico é do correspondente do "O Pharol", naquela cidade. N. da R.). No princípio da semana que findou, no Ribeirão do Ouro seis homens trabalhavam puxando madeira, divididos em duas turmas, próximas uma da outra, quando foram inopinadamente atacados. Uma flecha dardejada contra um dos trabalhadores, de nome Batista Rodonelli, fê-lo cair morto quase que instantaneamente. Duas flechas mais atingiram a dois outros trabalhadores, uma bateu no chapéu de cabeça não causando ferimento algum e no outro perfurou a roupa, produzindo uma pequena escoriação. Os assaltados, em represália, atiraram alguns tiros e fugiram do mato apressadamente, conduzindo o morto, que era de origem italiana, de 25 anos de idade, e solteiro. Durante o assalto, os silvícolas proferiram em português muitas palavras obscenas. Consta que também no Pinheiral têm aparecido os silvícolas".

---

## O FIM DE UM HERÓI

Tendo sofrido um desarranjo em suas máquinas, desarranjo que, para ser reparado exigiria grossa soma de dinheiro, o vaporzinho "Progresso", que por mais de 30 anos servira ao transporte de cargas e passageiros entre Blumenau e Itajaí, foi aposentado em janeiro de 1912. As suas máquinas e demais instalações foram desmontadas e o casco transformado em lancha de carga. Assim, o valente barco que durante três decênios levou à sirga milhares de lanchas carregadas de mercadorias, acabou sendo levado à sirga do rebocador "Santa Catarina", outra embarcação da Companhia Fluvial, empregada no tráfego entre esta e a cidade de Itajaí.

Assim é o destino de tôdas as coisas...

FÁBRICA DE GAZES  
MEDICINAIS  
**CREMER S.A.**

**Blumenau - Rua Iguassú, 291/362 - Santa Catarina**  
**Caixa Postal, 80 - Fone, 1332**

---

Gazes e Ataduras Mediciniais

Ataduras Gessadas

Algodão Hidrófilo

Fraldas para Bebês

Faixas Higiênicas para Senhoras

Artigos de primeira qualidade

# ELETRO—AÇO ALTONA S/A.

Rua Coronel Vidal Ramos, 925 — Fone: 1338

Caixa Postal, 30 — Telegramas: ELAÇO

ITOUPAVA SÊCA — BLUMENAU

SANTA CATARINA

---

FUNDIÇÃO DE AÇO

LAMINAÇÃO

FÁBRICA DE MÁQUINAS

FÁBRICA DE FERRAMENTAS

FORJARIA

FUNDIÇÃO ELÉTRICA